

**Literaturas Africanas
e Formulações Pós-Coloniais**

Lusofonia (Literatura e Cultura Africana)

Livros Publicados

- *Oralidades & Escritas nas literaturas africanas*
Ana Mafalda Leite
- *Dicionário do Guineense*
Vol. I – *Introdução e notas gramaticais*
Luigi Scantamburlo
- *Diálogo com as Ilhas. Sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe*
Inocência Mata
- *Mário Pinto de Andrade. Um intelectual na política*
Inocência Mata e Laura Padilha (org.)
- *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*
Ana Mafalda Leite
- *São Tomé e Príncipe. Ecos da Terra do Ossobó*
Otilina Silva
- *A Suave Pátria. Reflexões político-culturais sobre a sociedade são-tomense*
Inocência Mata
- *São Tomé e Príncipe. Ecos de Ontem e de Hoje*
Otilina Silva
- *A Poesia e a Vida. Homenagem a Alda Espírito Santo*
Inocência Mata e Laura Cavalcante Padilha (org.)
- *A Dupla Tradução do Outro Cultural em Luandino Vieira*
Conceição Lima
- *Polifonias Insulares. Cultura e Literatura de São Tomé e Príncipe*
Inocência Mata (org.)
- *Francisco José Tenreiro. As múltiplas faces de um intelectual*
Inocência Mata (org.)
- *Ficção e História na Literatura Angolana. O caso de Pepetela*
Inocência Mata
- *A Rainha Nzinga Mbandi. História, Memória e Mito*
Inocência Mata
- *Alda Espírito Santo. Escritos*
Carlos Espírito Santo
- *Colonial/Post-Colonial: Writing as Memory in Literature*
Inocência Mata (org.)
- *Nação e Narrativa Pós-Colonial. Ensaios*
Ana Mafalda Leite (org.)
- *Nação e Narrativa Pós-Colonial. Entrevistas*
Ana Mafalda Leite (org.)
- *Imigrantes Africanos Moçambicanos. Narrativa de Imigração e de Identidade e Estratégias de Aculturação em Portugal e na Inglaterra*
Sheila Khan

Ana Mafalda Leite

**Literaturas Africanas
e Formulações Pós-Coloniais**



Edições Colibri

Biblioteca Nacional de Portugal –
Catalogação na Publicação

Leite, Ana Mafalda, 1956-

Literaturas africanas e formulações pós-coloniais. –
(Extra-colecção)
ISBN 972-772-402-7

CDU 821.134.3(6).09

Título: *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*

Autora: Ana Mafalda Leite

Edição: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita, sobre desenho de Naguib

Depósito Legal n.º 366 402/13

Lisboa, 1.^a edição, Junho de 2003

2.^a edição, Novembro de 2013

Índice

I.	Literaturas Africanas e Pós-Colonialismo.....	9
II.	Configurações Textuais da Oralidade no Cânone Moçambicano	41
	Géneros orais representados em <i>Terra Sonâmbula</i> de Mía Couto – reinvestir a memória da tradição oral de um estatuto literário	43
	As Personagens-Narrativa em Mía Couto	65
	Paulina Chiziane: romance de costumes, histórias morais.....	75
	Em torno de modelos no romance moçambicano: Um romance, conto por conto, ou um conto como um romance	89
III.	Questionação do Cânone Histórico Colonial	105
	Testemunhos orais da História: A Gloriosa Família e A Lenda dos Homens do Vento	107
IV.	Percursos Pós-Coloniais da Poesia Moçambicana	125
	Formulação Pós-colonial de uma Tradição Poética: Luís Carlos Patraquim, intérprete de um legado	127
	A Reescrita de Caliban sobre a Ilha de Próspero: notas em torno da actualização de um mito de origem cultural	135

O Múltiplo Rosto das Imagens: Armando	
Artur, sonho e poesia.....	145
Poéticas do Imaginário Elemental na Poesia	
Moçambicana: entre mar ... e céu	153
Índice Seleccionado – assuntos e onomástico	161

A reflexão teórica e a escrita deste livro nasce de um percurso de leitura, escrita e ensino, que continuam pesquisa anterior. Por isso e, em especial, dedico-o aos meus alunos que, nos últimos anos, acompanharam comigo um trajecto de análise, colaborando, discutindo, incentivando-me, nas aulas de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, ou nas de Literaturas Oraís Africanas, ou ainda no espaço, tão motivador, do Mestrado de História de África e de Literaturas Românicas.

I - Literaturas Africanas e Pós-Colonialismo

Pós-colonialismo, um caminho crítico e teórico

Falar de pós-colonialismo e lusofonia ou da adequação das teorias pós-coloniais às literaturas africanas de língua portuguesa ainda é área não muito conceptualizada. Não sendo nosso intuito clarificar todas as problemáticas inerentes à já relativamente longa duração e produção teórica neste campo, tentarei situar *algumas* questões respeitantes aos conceitos de origem anglo-saxónica e seu interesse, adequação, e formulação relativamente aos estudos literários africanos lusófonos.

Depois da segunda guerra mundial o termo “post-colonial state”, usado pelos historiadores, designa os países recém independentes, com um claro sentido cronológico. No entanto, “post-colonial”, a partir dos anos setenta, é termo usado pela crítica, em diversas áreas de estudo, para discutir os efeitos culturais da colonização. Terry Eagleton considera que somos pós-românticos, produtos dessa época, mais do que sucessores dela¹; considerado neste sentido, *pós-colonial* não designa um conceito histórico ou diacrónico, mas antes um conceito analítico que reenvia às literaturas que nasceram num contexto marcado pela colonização europeia.

A crítica pós-colonial considera as formas e os temas imperiais caducos, esforça-se por combater e refutar as suas categorias, e propôr uma nova visão de um mundo, caracterizado pela coexistência e negociação de línguas e de culturas.

O termo *Pós-colonialismo* pode entender-se como incluindo todas as estratégias discursivas² e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial; o termo é passível de englobar além dos escritos provenientes das ex-colónias da Europa, o conjunto de práticas discursivas, em que predomina a resistência às ideologias colonialistas, implicando um alargamento do *corpus*, capaz de incluir outra textualidade que não apenas das literaturas emergentes, como o caso de textos literários da ex-metrópole, reveladores de sentidos críticos sobre o colonialismo.

No campo crítico é possível efectuar leituras pós-coloniais, (“post-colonial readings”) reconfigurando e actualizando lugares de discussão e de diálogo crítico, de textos co-fundacionais da situação imperial, como o caso de *Robinson Crusoe* de Defoe ou *Heart of Darkness* de Conrad, e até de algumas das peças de Shakespeare³. A actividade crítica pós-colonial é também uma plataforma de reinterpretação da discursividade colonial, por isso o sentido cronológico do termo revela-se insuficiente. “Rather than simply being the writing which ‘came after’ empire, post-colonial literature is that which critically scrutinizes the colonial relationship. It is writing that sets out in one way or another to resist colonialist perspectives.” (Boehmer, 1995:3).

Enquanto conceito de origem anglo-saxónica, o *pós-colonialismo* toma como realidade fundadora o colonialismo britânico; no campo dos estudos literários começa a desenvolver-se a partir da década de 60, com a revisão das novas literaturas produzidas pela “commonwealth”, sua integração nos currícula, bem como o surgimento de casas editoras que promovem a publicação de escritores oriundos de África, da Índia e de outras zonas ex-coloniais britânicas.

Mas é sobretudo a partir da publicação de Edward Said, *Orientalism* (1978)⁴, que se desenvolvem teórica e criticamente os estudos sobre pós-colonialismo, surgindo posteriormente obras de outros intelectuais diaspóricos, que reclamam uma voz crítica pós-colonial, oriundos, ou com raízes, nos ex-países colonizados. Há um salto qualitativo na bibliografia, alargando-se para áreas das ciências sociais e dos estudos culturais. A afinidade entre os estudos culturais⁵ e pós-coloniais permite uma reflexão sobre a transmigração das teorias, sobre a relação entre o local e o global e assinala uma análise das práticas culturais do ponto de vista da sua imbricação com as relações de poder.

Neste sentido, a perspectiva analítica pós-colonial nasce também de um sentido político da crítica literária. Os estudos teóricos do pós-colonialismo tentam enquadrar as condições de produção e os contextos socioculturais em que se desenvolvem as novas literaturas. Evitam tratá-las como extensões da literatura europeia e avaliar a originalidade destas obras, de acordo com uma norma ocidental, despreocupada ou desconhecendo o seu enraizamento.

A obra pioneira, em livro de bolso, no campo dos estudos literários é sem dúvida *The Empire Writes Back – Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* (1989) de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, que reproduz a frase de Salman Rushdie “*The Empire Writes Back to the Centre...*”.

What each of these literatures has in common beyond their special and distinctive regional characteristics is that they emerged in their present form out of the experience of colonization and asserted themselves by foregrounding the tension with the imperial power, and by emphasizing their differences from the assumptions of the imperial centre. It is this which makes them distinctively post-colonial. (Ashcroft et al., 1989: 2)

Treze anos depois, a bibliografia é inúmera e expande-se muito para além do campo literário; a terminologia teórica é dominante e obriga a uma deslocação entre várias áreas do saber; quem não a conhecer começa a ter alguma dificuldade de leitura teórica e crítica. Além da edição do já quase clássico *The Post-Colonial Studies Reader* (1995), os mesmos três autores acima citados publicaram um pequeno dicionário terminológico, *Key Concepts in Post-Colonial Studies* (1998), e o termo *post-colonial studies* abrange questões tão complexas, variadas e interdisciplinares, como representação, sentido, valor, cânone, universalidade, diferença, hibridação, etnicidade, identidade, diáspora, nacionalismo, zona de contacto, pós-modernismo, feminismo, educação, história, lugar, edição, ensino, etc., abarcando aquilo que se pode designar como uma *poética da cultura* e criando alguma instabilidade no domínio dos estudos literários tradicionais.

A teoria literária e os estudos de literatura comparada, por seu turno, começam a problematizar alguns destes conceitos e reformulam-se posições⁶. No entanto, segundo Greenblatt (1990: 227), a análise cultural tem muito a aprender com a escrupulosa análise formal de textos literários, “porque esses textos não são simplesmente culturais por

⁴ “(...) Orientalism as a Western style for dominating, restructuring, and having authority over the Orient” (Said, 1978: 3). “‘Orientalism’ is the term popularized by Edward Said’s *Orientalism*, in which he examines the processes by which the ‘Orient’ was, and continues to be, constructed in European thinking. (...) The signification of Orientalism is that as mode of knowing the other it was a supreme example of the construction

referência ao mundo que está para além deles próprios; são-no devido aos valores e contextos sociais que absorveram com sucesso.”

Numa fase em que as cinco literaturas, aglutinadas curricularmente sob a égide de um título, ainda teimosamente imperial, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, começam a ser criticamente enquadradas nos seus registos nacionais diferenciais, alguma reticência provoca outra designação abrangente.⁷ A leitura da obra de Bill Ashcroft et al., e de outras que se lhe seguem, revela que uma parte das questões abordadas não são completa novidade na nossa área, embora estejam teoricamente reposicionadas e nos obriguem a reformular linhas de pesquisa, em especial e, fundamentalmente, o posicionamento teórico, tendo em conta que, como sugere Bhabha (2001: 507): “A analítica da diferença cultural intervém para transformar o cenário da articulação (...) Muda a posição da enunciação e as relações de discurso dentro dela; *não só o que é dito, mas donde é dito*; não apenas a lógica da articulação, mas o topos da enunciação”.

O pós-colonialismo, porque centrado em questões específicas do colonialismo britânico e suas ex-colónias, com características tão diferentes, como o caso da Austrália e Nova Zelândia, a Índia, a África do Sul ou a Nigéria, e teorias de origem afro-americana, como o “black writing”⁸, implica a necessária adequação à nossa área, até porque as condições e o desenvolvimento do colonialismo português foram outras, e diferentes, de colónia para colónia, apesar de algumas convergências na emergência das novas poéticas, em formulação, nas literaturas africanas.

A designada África lusófona, além de uma guerra colonial⁹, que atrasou quinze anos as independências políticas em relação às suas congéneres anglófonas, teve regimes subsequentes de feição socialista, que optaram por práticas linguísticas e culturais diversas daquilo que a “negritude”, o nativismo e os essencialismos culturais africanos, durante algum tempo, promoveram como discussão quer na África anglófona, quer francófona.

Por outro lado, questões como o apossamento da língua, teorizadas politicamente por Amílcar Cabral, e na prática desenvolvidas por escritores como Luandino Vieira, Uanhenga Xitu, José Craveirinha, ainda durante o tempo colonial, mostram que os vários modos de supressão da norma do português metropolitano, de que resultaram várias combinatórias, exemplares de hibridismo linguístico, foram uma das constantes mais significativas da textualidade africana de língua portuguesa. Línguas como o inglês e o francês foram talvez menos permeáveis¹⁰, em parte devido a diferentes políticas coloniais da língua¹¹. Com efeito, recriações da língua do nigeriano Amos Tutuola¹², ou do costa-marfinense Ahmadou

⁷ Saliente-se a este respeito Linda Hutcheon (1995) a propósito da eventual e perversa cumplicidade neocolonial das teorias póscoloniais: “another of the First World Academy’s covert colonizing strategies of domination over the cultural production of the Third World” (Mendonça, 1995: 37), ou leia-se o artigo “Literaturas Africanas, Colonialismo e Pós-Colonialismo. Repensar o Problema da Relação: Inevitáveis Contactos ou Dominação Cultural?” (in *Histórias Literárias Comparadas*, Lisboa, Colibri, 2001, p. 143-53) da autoria de Carlos Figueiredo Jorge, em que esta questão também é referida.

⁸ Um dos primeiros modelos de estudos transculturais de povos afectados pela colonização, centrado na diáspora africana, que foi levada no comércio escravo para a América. Procura caracterizar as diferenças e os elementos culturais africanos na produção afro-americana e caribenha.

Khourouma¹³, surgidas já praticamente em contextos de pré e pós independência, tiveram lugar e desenvolvimentos diversificados na área africana lusófona durante o tempo colonial, e têm antecedentes históricos¹⁴, o que evidencia, pensamos, a especificidade africana lusófona, no domínio das apropriações linguístico-literárias.

Estes e outros motivos fazem-nos ponderar sobre a forma de perspectivar o pós-colonialismo na área africana de língua portuguesa. Ou seja, é necessário reflectir como formular lugares teóricos que se enquadrem no questionamento pós-colonial, continuando a investigação em áreas como a historiografia literária e a criação de elementos teórico-didácticos, fundamentais para o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa, entre os quais, a pesquisa da caracterização da sua especificidade textual, enquadrada nos registos oral/escrito, que tem sido um dos nossos percursos de trabalho, bem como das poéticas diferenciais destas novas literaturas.

Os estudos críticos francófonos continuam relativamente alheados da problemática pós-colonial, e uma das obras mais significativas dedicadas à reflexão dos estudos críticos sobre literatura africana, da autoria de Locha Mateso, *La Littérature Africaine et sa Critique*, não faz ainda qualquer referência ao assunto, embora desenvolva escrupulosamente as diferentes fases críticas na área académica e ensaística e as várias vertentes analíticas desde a época colonial, tendo-se tornado um instrumento de referência muito útil para um balanço teórico-crítico dos estudos literários africanos.

Com efeito, a francofonia demorou a ser envolvida pela discussão em torno do pós-colonialismo, mas aconteceu, quase dez anos depois, em 1999. Jean-Marc Moura publica *Littératures Francophones et Théorie post-coloniale*, considerando que tal teoria abrange o conjunto de obras que se dedicam aos escritos dos povos colonizados pelos europeus, em especial, pelos ingleses, espanhóis, franceses, neerlandeses e portugueses, partindo do pressuposto (pensamos que falível...) de que as variáveis do colonialismo europeu produziram uma continuidade e similaridade de situações, manifesta nas formas e práticas de escrita.

A necessidade de discutirmos sobre algumas das implicações teóricas do pós-colonialismo nas literaturas africanas lusófonas começa a tornar-se mais premente nos últimos anos, isto porque, além da necessidade de recolocar a teoria, surgem projectos de investigação que procuram integrar comparativamente o *corpus* lusófono, e torna-se inevitável equacionar algumas das especificidades contextuais desta nossa área, para não correremos o risco de superficial adaptação terminológica de concepções teóricas e, com alguma eficácia, procedermos a estudos comparados, permitindo a adequação e ou diferenciação de certo número de questões.